

# CARTA PAS TORAL



**TUDO POR CAUSA DO EVANGELHO**

SINODALIDADE • COMUNICAÇÃO • CONVERSÃO

Dom Valdir José  
de Castro, ssp

Bispo Diocesano  
de Campo Limpo



DOM VALDIR JOSÉ DE CASTRO, SSP

BISPO DIOCESANO DE CAMPO LIMPO - SP

DIOCESE DE CAMPO LIMPO

CARTA PASTORAL

2023

# "TUDO POR CAUSA DO EVANGELHO"

(CF. ICOR 9,23)

## SINODALIDADE, COMUNICAÇÃO E CONVERSÃO

Caríssimos

bispos eméritos, presbíteros, diáconos, seminaristas, consagrados e consagradas, membros de movimentos e de novas comunidades, leigos e leigas.

Graça e paz!

Com alegria, escrevo-lhes esta Carta Pastoral depois de ter tido os primeiros contatos com a realidade eclesial da Diocese de Campo Limpo. Trata-se de uma reflexão sobre o caminho da evangelização, a respeito do qual somos chamados a trilhar. De fato, somos Igreja e a Igreja nasceu para evangelizar.

A nossa missão é viver o Evangelho e anunciá-lo na realidade que o Senhor nos confiou, isto é, no território que abrange a nossa Diocese. É junto a esta porção do povo de Deus que somos chamados a empenhar-nos na ação evangelizadora e missionária, na perspectiva de uma Igreja em saída, *"para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora e sem medo"*<sup>1</sup>.

---

1 Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 23.

Como sabemos, a pandemia do COVID-19, cuja fase mais grave foi superada, infelizmente deixou sérias sequelas na vida de muitas famílias, seja com os contágios de seus membros seja com a perda de entes queridos. Toda essa situação afetou fortemente também a vida de nossas comunidades e das pastorais que, pouco a pouco, voltam à normalidade. Certamente foi um período de provação, mas também de aprendizado sobre a necessidade de valorizar a vida e de cuidar-nos uns dos outros.

Além de agradecer a Deus o fim do trágico período, pedimos a Ele que possamos retomar ainda com mais vigor o nosso compromisso com o Evangelho, isto é, a nossa missão de levar a sua luz a todas as pessoas: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos. De impregnar de Evangelho todas as nossas pastorais e todas as realidades humanas que nos envolvem: as famílias, o mundo do trabalho, as escolas e universidades, os hospitais, os cárceres, os pobres e marginalizados, a ecologia, a economia, a política, enfim, todas as realidades que fazem parte da nossa vida e precisam ser transformadas.

Na alegria de evangelizar, caminhamos unidos à Igreja universal que, nesse tempo, vive o Sínodo sobre a Sinodalidade (2021-2024), convocado pelo Papa Francisco, que tem por tema “*Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*”. Este estilo de ser Igreja, no qual todos são incluídos, é um testemunho cristão fundamental, num mundo polarizado e marcado pelo individualismo e o narcisismo.

Esta Carta Pastoral, mais que apontar “diretrizes”, procura destacar alguns aspectos importantes para a nossa caminhada como Igreja particular. Sem a pretensão de esgotar os temas aqui presentes, deseja ser um ponto de partida para refletirmos sobre como estamos caminhando como Igreja, onde está a

centralidade de nossa ação pastoral e missionária, o que nos falta para sentir-nos realmente como irmãos e irmãs, até que ponto a comunicação entre nós nos ajuda a caminhar em comunhão, como convivemos com os diversos dons e carismas, a quem realmente estamos chegando com o Evangelho, qual a nossa responsabilidade nesse processo, enfim, como estamos caminhando como Igreja, no serviço à evangelização.

No final de cada item são oferecidas algumas perguntas com o objetivo de ajudar a trazer a reflexão para a nossa realidade concreta. As leituras poderão ser feitas individualmente ou em grupo, como também poderão, de um desses dois modos, serem respondidas as perguntas. O mais importante é que possamos aprofundar até que ponto o Evangelho está no centro da nossa vida de fé e no nosso compromisso eclesial e social. Jesus Mestre e Pastor, Caminho, Verdade e Vida, ícone humano da Santíssima Trindade, nos ilumine nesta reflexão.

# I. VIVER E ANUNCIAR O EVANGELHO

## I. JESUS: O EVANGELHO VIVO

O tema da evangelização leva-nos a considerar que o Evangelho, antes de tudo, é Jesus. Ele é o ponto de partida da evangelização. Jesus é a Boa Notícia, por excelência, que o mundo recebeu e que nós também queremos acolher, a cada dia. A mensagem do anjo aos pastores, por ocasião do seu nascimento, em Belém, é atual e ressoa também aos nossos ouvidos: *“Não tenham medo! Eu anuncio para vocês a Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor”* (Lc 2,10-11).

Jesus é o Evangelho vivo. Movido pelo Espírito Santo, por meio de suas palavras e ações, revela-nos Deus-Pai, na história. Ao renovarmos nele a nossa fé e esperança, fazemos nossas as palavras de Simão Pedro: *“A quem iremos, Senhor? Só tu tens palavras de vida eterna. Nós acreditamos que és o Santo de Deus”* (Jo 6,68-69).

Também nós, sem Jesus, perdemos a direção e não podemos fazer nada. Somente unidos a Ele, no amor, poderemos produzir frutos na evangelização. É isso que Ele mesmo pede a seus discípulos e a nós, hoje: *“Fiquem unidos a mim, e eu ficarei unido a vocês. O ramo que não*

*fica unido à videira não pode dar fruto. Vocês também não poderão dar fruto, se não ficarem unidos a mim. Eu sou a videira, e vocês são os ramos. Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto, porque sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15, 4-5) [...] “Assim como meu Pai me amou, eu também amei vocês: permaneçam no meu amor” (Jo 15,9).*

Considerando que Jesus é o Evangelho encarnado, não pode haver evangelização sem o anúncio explícito de Jesus Cristo como o Senhor<sup>2</sup>. Nesse sentido, o coração do anúncio a ser proclamado é que “*Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; Ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, apareceu a Pedro e depois aos Doze...*” (1Cor 15,3b-5). Isto significa que não entendemos Jesus sem as Escrituras. A esse respeito São Jerônimo chegou a afirmar que “a ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo”<sup>3</sup>. Tal anúncio, porém, não pode partir de uma simples assimilação intelectual, mas do encontro pessoal com Ele.

“*A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus*”<sup>4</sup>. De fato, toda pessoa que se deixa tocar por Jesus, e encontra n’Ele o sentido da vida, é impossível não comunicar aos outros essa experiência<sup>5</sup>. Isto significa que “*ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*”<sup>6</sup>. Um encontro que leva a abraçar Jesus na sua totalidade, de quem viveu radicalmente o amor

---

2 Cf. Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 110.

3 São Jerônimo, *Commentariorum in Isaiam libri*, Prol.: PL 24, 17B

4 Cf. Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 1.

5 *Ibidem*, n° 8.

6 Bento XVI, *Deus Caritas Est*, n° 1.

que o levou à morte de Cruz e culminou na Ressurreição.

É este o rumo que queremos tomar, sustentados pela fé em Jesus. Mas, o que supõe a fé? *“Ter fé no Senhor não é um fato que interessa somente à nossa inteligência, à área do saber intelectual, mas é uma mudança que envolve a vida, todos nós mesmos: sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções, razões humanas”*<sup>7</sup>. É como declara o apóstolo Paulo: *“Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma realidade nova apareceu”* (2Cor 5,17). Em outras palavras, é buscar viver a santidade, a partir de uma fé comprometida com a realidade na qual vivemos. De fato, *“a santidade é e consiste sempre na vida em Jesus Cristo, como é apresentado no Evangelho: Caminho, Verdade e Vida. O mal está sempre em afastar-se do Evangelho, de Jesus Cristo”*<sup>8</sup>.

Somos chamados a impregnar de Evangelho a nossa vida, as nossas relações humanas, as atividades pastorais. Onde podemos encontrar Jesus, hoje? Qual é a intensidade do nosso encontro com Ele? Nossas atividades pastorais se deixam iluminar pelo Evangelho ou acontecem ao redor de outros objetivos? Até que ponto a Palavra de Deus, de modo especial o Evangelho, está presente na formação dos seminaristas e dos agentes de pastoral, bem como na formação permanente do clero e na catequese? O que é necessário fazer para avivar essa presença?

7 Bento XVI, *Audiência Geral*, 17.10.2012.

8 Bem-aventurado Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei*, I, 264.

## 2. A NOSSA MISSÃO É EVANGELIZAR

Somos Igreja, e esta existe para evangelizar. *“Evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade”*<sup>9</sup> e Pentecostes é o momento de graça, no qual a Igreja toma essa consciência. É resposta concreta ao mandato de Jesus aos seus discípulos: *“Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade”* (Mc 16,15). Boa Notícia, que não se resume somente em palavras, mas sobretudo no “testemunho” (Cf. At 1,8).

São atuais as palavras de São João Paulo II, quando afirmou, inspirado no Concílio Vaticano II, que *“o homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a “testemunha” por excelência (Ap 1, 5; 3, 14) e o modelo do testemunho cristão”*<sup>10</sup>.

---

9 São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 14.

10 São João Paulo II, *Redemptoris Missio*, n° 42.

Conscientes da ação missionária à qual Jesus nos chamou a realizar, deixemo-nos contagiar – nós, que também acreditamos! – pelas palavras de provocação apostólica: “Ai de mim se não evangelizar!” (1 Cor 9, 16). Vamos testemunhar o Evangelho, numa Igreja em saída, tendo como referência Jesus, o primeiro e o maior dos evangelizadores<sup>11</sup>, o ponto de partida de nossa ação evangelizadora. Abramos o coração, para chegarmos com a mensagem de salvação a todos, a ponto de dizer com São Paulo: *“Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo. Tudo isso eu o faço por causa do Evangelho, para tornar-me participante dele”* (1Cor 9,22b-23).

Jesus é a testemunha por excelência de Deus-Pai (Cf. Jo 14,6-12) que o enviou o mundo, não para condená-lo, mas para salvá-lo, como expressão de seu amor (Cf. Jo 3,16-17). Centraliza sua vida e ação no mandamento do amor, que o expressa na acolhida às pessoas, no perdão dos pecados, nas curas, na defesa da justiça, na denúncia da hipocrisia, na distribuição de pão aos famintos. Revela-nos um Deus bondoso e que deseja o nosso bem. Desperta a compaixão, não o ressentimento, convida ao serviço, não à imposição autoritária. Ensina-nos que Deus é Pai e que o seu projeto é construir uma vida mais humana, mas digna e mais feliz para todos.

Quais são as características de Jesus que os evangelhos nos revelam? O que significa, para nós, evangelizar? Como estamos evangelizando, no sentido de “dar testemunho”? Chegamos a todos com o Evangelho: aos que já conhecem Jesus e abandonaram a comunidade e àqueles que ainda não o conhecem? Nossa fé é “missionária”?

---

11 São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 7.

### 3. EVANGELIZAR A PARTIR DE NOSSO CONTEXTO VITAL

Jesus veio para que todos tenham vida e vida em abundância (Cf. Jo 10, 10b). A sua missão foi toda centrada no anúncio da Boa Notícia do Reino de Deus, Reino que é aberto e acolhe a todos, especialmente os pobres e sofridos, como ele mesmo declara no programa de sua missão: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor”* (Lc 4, 18-19).

Nós também somos chamados, em decorrência do nosso Batismo, e com a ajuda do Espírito Santo, a ser testemunhas do Reino, a começar da realidade na qual vivemos, cientes de que *“as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”*<sup>12</sup>.

---

12 Concílio Ecumênico Vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº 1.

Tal testemunho, que decorre do nosso compromisso com o Evangelho, compreende nossas palavras, relações humanas e ações pastorais. De fato, o magistério da Igreja nos confirma que *“o testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem. [...] Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem”*<sup>13</sup>.

Nesse horizonte renovamos a opção preferencial pelos pobres, tendo presente, com o Papa Bento XVI, que *“a opção pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza”*<sup>14</sup>. Opção que nasce da capacidade de ver no pobre a pessoa de Jesus (Cf. Mt 25,1-46) e nos leva a atitudes marcadas por gestos de amor, ternura e misericórdia.

Obviamente, todos caminhamos para o Reino definitivo apontado por Jesus, mas enquanto o Reino não chega na sua plenitude, somos chamados, a exemplo do Mestre, a defender a vida em todos os sentidos, cuidando uns dos outros, especialmente dos mais necessitados, sem nos esquecer do meio ambiente que passa por um estágio severo de degradação, provocado pelo próprio ser humano. Aliás, na visão da Ecologia Integral do Papa Francisco, está clara a ideia de que não há separação entre degradação ambiental e degradação social: *“não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”*<sup>15</sup>.

---

13 São João Paulo II, *Redemptoris Missio*, nº 42.

14 Bento XVI, *Discurso inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*, 13.05.2007; Documento de Aparecida, nº 392.

15 Francisco, *Laudato Si'*, nº 139.

Olhamos para a diocese de Campo Limpo, deparamos com um povo com muitos valores, mas que vive numa realidade complexa e também de contradições: a diversidade cultural, as realidades do mundo urbano e rural, a riqueza em contraste com a miséria, a degradação ambiental, etc.

Quais as provocações que o Evangelho nos faz diante dessas realidades? Qual o nosso real compromisso com os pobres e com os que vivem nas diversas situações de sofrimento? Como continuar a dar testemunho do Evangelho, com profetismo, dinamismo e criatividade? E o cuidado com o meio ambiente, passa pela nossa preocupação?

## II. EVANGELIZAÇÃO E SINODALIDADE

### I. EVANGELIZAR EM SINODALIDADE

A missão da Igreja, como já afirmamos, é evangelizar. Como discípulos-missionários, não podemos nos esquecer, seja na vida pessoal seja nas nossas atividades pastorais que *“sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual”*<sup>16</sup>.

Porém, evangelizar não é uma ação solitária, embora o testemunho pessoal seja importante. *“Evangelizar nunca é, para ninguém, um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial”*<sup>17</sup>. Jesus mesmo, não foi um evangelizador isolado, mas anunciou a Boa Notícia do Reino de Deus de modo itinerante, convivendo com seus discípulos, no meio das multidões, nas relações com as pessoas. Da mesma forma não enviou seus discípulos isoladamente para testemunharem o Reino, mas dois a dois.

<sup>16</sup> Francisco, *Evangelii Gaudium*, nº 11.

<sup>17</sup> São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 60.

Nesse sentido, a missão evangelizadora está estreitamente ligada à sinodalidade, uma realidade que é constitutiva da vida da Igreja e decisiva na sua missão. Como afirmou são João Crisóstomo, "Igreja e Sínodo são sinônimos"<sup>18</sup>. É o aprofundamento dessa realidade eclesial o objetivo do Sínodo (2021-2024) que está em pleno processo, e que tem como tema: "*Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*".

Recordemos que na origem da palavra "sínodo" estão os termos gregos *syn* ("junto") e *odòs* ("caminho"), que nos conduzem ao significado de "caminhar juntos". O sínodo não se reduz às assembleias que acontecem em Roma. Vai além. Trata-se de um estilo de ser Igreja, na qual todo o povo de Deus está incluído.

A fonte de inspiração da sinodalidade, antes de tudo, é a Santíssima Trindade, que é para nós o exemplo mais profundo de unidade e da vida em comunhão. Como a Trindade, também a comunidade cristã é chamada a viver no amor que gera a unidade na diversidade de pessoas. Nesse sentido, "*a Trindade não é apenas um mistério em que se crê; é também uma verdade que se pratica, um caminho que se percorre, uma gestualidade que se põe em ato, um modo de viver que se apreende, uma modalidade de ser que se revela*"<sup>19</sup>.

Jesus é a expressão humana da Trindade. Ele é o caminho que, iluminado pelo Espírito, nos leva ao Pai. A Igreja, desde os inícios de sua caminhada, teve a consciência de pertencer ao "caminho do Senhor" e de que os seus membros são "discípulos do Caminho". Jesus é o "caminho" que as primeiras comuni-

---

18 São João Crisóstomo, *Explicatio in Psalmum 149*: PG 55, 493.

19 José Tolentino Mendonça, *A mística do instante. O tempo e a promessa*, São Paulo: Paulinas, 2016, p. 52.

dades cristãs percorrem “juntamente” (cf. At 9,1-2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) para viver e testemunhar o Evangelho.

A sinodalidade não pode ser reduzida a um slogan ou termo de moda, mas a uma realidade eclesial a ser colocada em prática, que supõe um esforço contínuo em vista do comprometimento e da participação de todo o povo de Deus na vida e na missão da Igreja<sup>20</sup>. Daí o lema: “comunhão, participação e missão”. O grande desafio é passar de uma “sinodalidade ocasional” para um “estilo sinodal” de Igreja; ou seja, transformar a sinodalidade em método de oração, de pensamento, de programação pastoral e de realização comum, para que o Evangelho possa chegar com eficácia a todos.

A prática sinodal, embora mais lenta e “conflituosa”, é o modo mais perfeito de viver a Igreja de Jesus. Caminhar juntos é sinal de maturidade, pois significa aceitar e conviver não somente com as pessoas com as quais nos identificamos, mas também com aquelas que são diferentes. Não é um caminhar uniforme, mas marcado pela compreensão de que “*embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, e, cada um por sua vez, é membro dos outros*” (Rm 12,5-6).

Como estamos caminhando “sinodalmente”, como diocese, como paróquias e como comunidades, em vista da evangelização? Encontramos ainda dificuldades? O que podemos fazer para melhorar? Como está a nossa comunhão e participação? Como está a nossa sintonia com as orientações do Magistério e com a Igreja, no Brasil? Estamos abertos ao diálogo também com outras confissões religiosas e entidades civis?

20 Cf. Comissão Teológica Internacional, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, nº 7.

## 2. NA COMUNICAÇÃO E NA COMUNHÃO

Caminhar juntos, em vista da evangelização, supõe cultivar uma “boa” comunicação. Da mesma forma que “evangelizar é comunicar”, a sinodalidade, que é uma forma concreta de viver e anunciar o Evangelho, também encontra na comunicação um elemento fundamental para a sua realização. De fato, também não existe caminho sinodal sem comunicação.

Podemos dizer que a sinodalidade é um “processo de comunicação” no qual entram atitudes importantes como a abertura ao Espírito, as relações humanas, o falar com coragem e a escuta atenta, a convivência serena com o diferente, o diálogo, o encontro, a inclusão, etc. Tal comunicação não pode ser compreendida como simples troca de informações, mas no seu sentido mais profundo, como ação que leva à proximidade e à partilha, e cria comunhão.

Jesus, o comunicador do “rosto” de Deus uno e trino, nos mostra o caminho da verdadeira comunicação humana. Olhando com atenção para o seu modo de falar e de agir, vemos que *“não só as suas palavras, mas também as suas obras, especialmente os seus milagres, eram atos de comunicação, que indicavam a sua identidade e manifestavam o poder*

*de Deus. Nas suas comunicações, demonstrava respeito pelos seus ouvintes, simpatia pela sua condição e necessidades, compaixão pelos seus sofrimentos, e determinação decidida em dizer-lhes o que eles precisavam de ouvir, de maneira a chamar a sua atenção e a ajudá-los a receber a sua mensagem, sem coerção nem concessões, sem decepção nem manipulação”<sup>21</sup>.*

Jesus é a nossa primeira referência na comunicação. Olhando para comunicação, como fenômeno humano, nos damos conta de que ela depende em boa medida do empenho pessoal de cada um, por vezes fatigante, visto que nem sempre é fácil comunicar e partilhar aquilo que verdadeiramente pensamos e sentimos, também devido ao receio de que, expondo-nos, se possam criar divergências ou conflitos. Hoje, graças também ao desenvolvimento das tecnologias digitais, temos muitas possibilidades de nos comunicar. As redes sociais são exemplos claros. Nas relações presenciais ou no mundo conectado, três atitudes, dentre outras, são fundamentais na busca de uma comunicação geradora de comunhão. Destacamos a escuta, o diálogo e o discernimento.

---

21 Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, *Ética nas comunicações*, 04.06.2000, n° 32.

### a) **A escuta**

O processo de comunicação começa pela escuta. A atitude de escuta atenta, no caminho sinodal, é fundamental se desejamos êxito na ação evangelizadora. Uns escutando os outros e todos escutando o que diz o Espírito. Aliás, a própria Bíblia valoriza a escuta. O maior de todos os mandamentos começa justamente pelo verbo "escutar": *"Escute, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! E ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. O segundo mandamento é este: Ame o seu próximo como a si mesmo"* (Mc 12,29b-31b).

Mas o que significa escutar? *"Escutar é muito mais do que ouvir. Ouvir diz respeito ao âmbito da informação; escutar, ao invés, refere-se ao âmbito da comunicação e requer a proximidade. A escuta permite-nos assumir a atitude justa, saindo da tranquila condição de espectadores, usuários, consumidores. Escutar significa também ser capaz de compartilhar questões e dúvidas, caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons ao serviço do bem comum. Escutar nunca é fácil. Às vezes é mais cômodo fingir-se de surdo"*<sup>22</sup>.

O caminho sinodal, que tem por objetivo unir as forças em vista da evangelização, é um processo que supõe um esforço contínuo de superar, por meio de nossa comunicação, os possíveis conflitos que podem aparecer no caminho. De fato, se nos deixamos perder nos conflitos, correremos

---

22 Francisco, *Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2016.

risco de perdermos o sentido da unidade profunda da realidade<sup>23</sup>. Aliás, é necessário nos darmos conta de que o inimigo da comunicação não é tanto a divergência ou os possíveis conflitos, mas a indiferença. A indiferença é aquela atitude associada à insensibilidade e à frieza, que gera fechamento às relações humanas e dificulta a partilha.

Enfim, saber escutar é uma graça. É uma atitude necessária para criar comunhão e caminhar na unidade, considerando que a unidade requer, não a uniformidade, a monotonia, mas a pluralidade e variedade das vozes, a polifonia, como num coro. *“Ao mesmo tempo, cada voz do coro canta escutando as outras vozes na sua relação com a harmonia do conjunto. Esta harmonia é concebida pelo compositor, mas a sua realização depende da sinfonia de todas e cada uma das vozes”*<sup>24</sup>.

## b) O diálogo

Da escuta nasce o diálogo que é, justamente, o processo que põe em movimento um caminho de aproximação e que procura unir o que está dividido ou, em outros casos, reforçar os laços positivos já presentes nas relações humanas. O diálogo, para ter êxito, necessita de liberdade, verdade e caridade. Nesse sentido, *“uma crítica honesta e transparente é construtiva e ajuda, ao contrário das bisbilhotices inúteis, das murmurações, das ilações ou dos preconceitos. E à coragem de falar deve corresponder a humildade de escutar”*<sup>25</sup>.

---

23 Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 226.

24 Francisco, *Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2022.

25 Francisco, *Discurso na Abertura do Sínodo sobre os jovens*, 03.10.2018.

Num caminho sinodal fecundo, marcado pelo diálogo, prevalece a atitude de escuta do outro, considerando que este “outro” não é apenas aquele com o qual simpatizamos mais ou que pensa exatamente como nós. O “outro” refere-se a todo aquele com quem estamos em contato ou com o qual estamos reunidos e que, embora diferente, crê nos mesmos valores e sente o chamado de Deus para o mesmo ideal de vida: viver e anunciar o Evangelho.

Dialogar não é travar batalha numa guerra de ideias, mas é um processo de escuta e de esforço de compreensão. “*Dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão que sejam únicas e absolutas*”<sup>26</sup>. Somente a partir de um processo dialógico, no qual se integram também “*palavra e silêncio*”<sup>27</sup>, torna-se possível o discernimento comum, trabalho necessário para as escolhas certas e para as decisões adequadas. Palavra e silêncio são dois aspectos que dão valor e significado à comunicação, e que devem equilibrar-se e suceder-se para gerar um diálogo autêntico e uma aproximação profunda com o interlocutor.

### c) **O discernimento**

O caminho sinodal é um itinerário no qual a comunicação tem peso considerável, como já enfatizamos, mas na perspectiva da fé que se fundamenta sobre a certeza de que Deus fala na história, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontramos e que nos interpelam. Aliás, não existe caminho sinodal, nem mesmo evangelização, sem o Espírito Santo. Tal verdade é expressa na promessa de Jesus aos discípulos, antes de voltar para o Pai: “O

---

26 Francisco, *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2014.

27 Cf. Bento XVI, *Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2012.

*Espírito Santo descerá sobre vocês, e dele receberão força para serem minhas testemunhas...*” (Cf. At 1,8). É do Espírito que vem a força do testemunho!

Discernir é compreender, distinguir com clareza, à luz do Espírito. O discernimento é necessário nas decisões pessoais, comunitárias e pastorais. Nessa perspectiva, há de se levar em consideração que o Sínodo é um caminho de discernimento espiritual e eclesial, que se faz também na adoração, na oração, em contato com a Palavra de Deus. Trata-se de um discernimento “orante”. *“O discernimento orante exige partir da predisposição para escutar: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras”*<sup>28</sup>.

Então, no âmbito das nossas relações humanas, como está a nossa comunicação, em vista da evangelização? Conhecemos, de fato, a atual cultura da comunicação? Como circula a comunicação nas comunidades, nas paróquias e na diocese? Como está a comunicação entre os membros nos diversos conselhos, seja no âmbito paroquial seja no âmbito diocesano? Como vivemos a escuta, o diálogo e o discernimento? Como estamos utilizando os recursos tecnológicos da comunicação, especialmente os meios digitais para crescermos na comunhão? O que precisamos para melhorar a nossa comunicação?

---

28 Francisco, *Gaudet et Exsultate*, n° 172.

### 3. NA CONVERSÃO PASTORAL

Não podemos nos esquecer que “*evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma*”<sup>29</sup>. Se entendemos o caminho sinodal como um dos espaços concretos no qual somos chamados a viver e testemunhar o Evangelho, a sinodalidade implica também um processo constante de conversão: é sempre um convite à conversão pessoal e pastoral, uma vez que a conversão pessoal e a pastoral andam juntas<sup>30</sup>.

Considerando que ser sinodal é estar aberto à comunhão (ao Espírito Santo e aos irmãos e irmãs) e à participação, esta abertura exige constante conversão a uma comunicação de qualidade que leve a romper com os comportamentos que bloqueiam o caminho, que criam isolamento e provocam divisão. Exige também vencer o medo de abrir as “portas” dentro de nós mesmos, confiando que o Espírito Santo nos guiará.

O que significa conversão? “Conversão” (Metanoia, em grego) tem a ver com a mudança de mentalidade, que leva a uma mudança do

---

29 São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 15.

30 CNBB, *Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia*, Documento da CNBB n° 100, n° 55.

comportamento, a partir do mais profundo do coração, isto é, a partir do centro do comando da própria vida. Isso significa mudar radicalmente a direção da caminhada, inverter o percurso, buscar novas referências, quando o que se vive não responde mais às necessidades do momento. Somente com a mudança de mentalidade é possível, por exemplo, uma “conversão pastoral” em vista de uma evangelização que responda aos “sinais dos tempos”.

“Conversão pastoral”, como vem insistindo o Papa Francisco, supõe sair da pastoral da conservação, para uma pastoral missionária<sup>31</sup>, uma decisão que leva a renovar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais das dioceses, das paróquias, das comunidades religiosas, dos movimentos e de quaisquer outras instituições da Igreja. Como pontua o documento de Aparecida, *“nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”*<sup>32</sup>.

Daí nasce a necessidade de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a corresponsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis no caminho sinodal, em vista da renovação. Nesse horizonte da conversão para uma Igreja que caminha sinodalmente, são necessárias, ao menos, três atitudes, estreitamente relacionadas e que são profundamente evangélicas e estão ligadas à nossa capacidade de “comunicação”: o amor, a humildade e o perdão.

---

31 CELAM, *Documento de Aparecida*, n° 370.

32 *Ibidem*, n° 365.

### a) O amor

O amor, que tem sempre como referência a Santíssima Trindade e que se manifesta historicamente no amor generoso e incondicional de Jesus, é a força que conduz à reconciliação, à fraternidade, à comunhão, que une as pessoas apesar das diferenças. *“O amor, por sua natureza, é comunicação: leva a abrir-se, não se isolando. E, se o nosso coração e os nossos gestos forem animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus”*<sup>33</sup>.

O amor é mandamento do Senhor: *“Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos.”* (Jo 13, 34-35). O amor é a “carteira de identidade” do cristão. O amor é o caminho que ultrapassa todos os dons e ao qual todos devemos aspirar. O amor *“é paciente, é presertativo, não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade... tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta* (1Cor 13, 4-7).

Amar, não somente com quem me simpatizo, mas também com quem é diferente. Não somente com quem me agrada, mas com todos os que participam do caminho sinodal. Vale a pena um oportuno pensamento do Papa Bento XVI sobre esse tema. Diz assim: *“eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível*

---

33 Francisco, *Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2016.

*realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo*<sup>34</sup>.

### b) **A humildade**

A humildade é a virtude que nos permite descer até a nossa própria realidade humana, que nos faz tocar e reconhecer nossos limites. Uma vez conscientes de nossa realidade, com suas debilidades, é mais fácil acolher o irmão com seus defeitos e limites. Pois, se não reconhecemos e não aceitamos nosso ser frágil e limitado, se não procuramos fazer este exercício de despojamento, será muito difícil reconhecer e aceitar os limites daqueles com quem nos relacionamos e aproximar-nos deles de maneira sincera.

Escutar, atitude fundamental, como já vimos, no processo de comunicação, é oferecer hospitalidade, é acolher e dar dignidade ao outro. Nesse sentido, escutar é também um ato de humildade de nossa parte para reconhecer a verdade, a sabedoria e o valor das outras pessoas que conosco caminham, além das nossas perspectivas limitadas. Sem a disposição (humildade) da escuta, não estaremos em grau de receber o dom do outro.

Somente com a “humilde” escuta, é possível entrar em comunhão. Vale o conselho do apóstolo Paulo: *“não façam nada por competição e por desejo de receber elogios, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo. Que cada um procure, não o próprio interesse, mas*

---

34 Bento XVI, *Deus Caritas Est*, nº 18.

*o interesse dos outros. Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo" (Fl 2,3-5).*

### c) O perdão

Sem perdão não há caminho sinodal. A Igreja não é a comunidade dos perfeitos, mas dos pecadores perdoados e em busca do perdão (Mt 9,13). São motivadoras as palavras do Papa Francisco quando, ligando o tema do perdão ao da comunicação, nos lembra que *"a comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão"*<sup>35</sup>. Daí a necessidade do esforço contínuo de escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. Como é importante usar de palavras e atitudes positivas, livres do ódio e de atitudes de vingança que decorrem de ressentimentos.

É preciso buscar superar, na fé, de todas as formas, os ressentimentos e se reconciliar. Sem reconciliação não é possível caminhar juntos! *"Todos nós sabemos como velhas feridas e prolongados ressentimentos podem nos aprisionar, impedindo-nos de comunicar e reconciliar-nos"*<sup>36</sup>. Por isso, a nossa comunicação seja capaz de criar reconciliação! Seja expressão de misericórdia. De fato, *"o encontro entre a comunicação e a misericórdia é fecundo na medida em que gerar uma proximidade que cuida, conforta, cura, acompanha e faz festa. Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade"*<sup>37</sup>.

---

35 Francisco, *Mensagem para o 50º Mundial das Comunicações Sociais*, 2016.

36 *Ibidem*.

37 *Ibidem*.

O caminho sinodal é o caminho da misericórdia, que é o que Jesus pede aos seus discípulos: *“Sejam misericordiosos como também o Pai de vocês é misericordioso”* (Lc 6,36). Somente o amor pode levar à misericórdia e à reconciliação. Por isso, fica a exortação paulina: *“Suportem-se uns aos outros e se perdoem mutuamente, sempre que tiverem queixa contra alguém. Cada um perdoe o outro do mesmo modo que o Senhor perdoou vocês. Acima de tudo, vistam-se com o amor, que é o laço da perfeição. Que a paz de Cristo reine no coração de vocês”* (Cl 3,13-15b).

Como está o nosso caminho de “conversão pessoal e pastoral”? Além do amor, da humildade e do perdão, quais outras atitudes são importantes no processo de conversão? O que significa evangelizar as nossas estruturas eclesiais? O que precisamos mudar em nossas vidas, em nossas comunidades e em nossas pastorais, para que o Evangelho seja anunciado com eficácia, no mundo de hoje, no contexto da realidade de nossa diocese de Campo Limpo?

## 4. A RESPONSABILIDADE DE CADA UM

Como refletimos, a evangelização é um caminho a ser trilhado juntos. Mas, a eficácia desse processo depende também, em grande medida, da boa vontade de cada pessoa em assumir, com responsabilidade, o modo de ser “sinodal” da Igreja. Podemos bem dizer que o caminho sinodal depende do empenho de cada pessoa, de sua abertura de espírito, do esforço de escutar e dialogar, de superar possíveis conflitos, da capacidade de amar e de perdoar, de ter uma visão de conjunto da vida e da missão da Igreja. Se não passarmos do “eu individualista” ao “nós eclesial”, é difícil entrar na dinâmica de uma Igreja que caminha junto.

Todos, leigos e leigas, religiosos e religiosas, diáconos, presbíteros e bispos, não somos funcionários e burocratas da Igreja, mas fazemos parte, antes de tudo, do povo de Deus que caminha. Somos chamados a ser testemunhas de Jesus, nosso Mestre e Pastor. Certamente, os aspectos administrativos, organizacionais e econômicos são importantes, mas são “meios” e suportes, para uma pastoral eficaz, não a finalidade. Nesse caminho, exercem um papel fundamental nas paróquias os que têm o serviço

de autoridade (como serviço!), a começar dos párocos e vigários. Esses são os primeiros, não somente a dar testemunho da sinodalidade, mas a motivar as comunidades a abraçar este estilo que é essencial na vida da Igreja.

Dentre as mudanças de mentalidade, nesse processo, está também a do papel dos leigos, que *“devem ser considerados não como ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas realmente ‘corresponsáveis’ do ser e do agir da Igreja”*<sup>38</sup>. *É preciso ter a consciência de que, “assim como o leigo não pode substituir o pastor, o pastor não pode substituir os leigos e leigas no que lhes compete por vocação e missão. Além disso, a ação dos cristãos leigos e leigas não se limita à suplência em situação de emergência e de necessidades crônicas da pastoral e da vida da Igreja. É uma ação específica da responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação”*<sup>39</sup>.

É importante ter um laicato não só preocupado com a vida interna da Igreja, mas também empenhado no testemunho do Evangelho nas realidades existenciais, isto é, na família, no trabalho, na escola, nas associações leigas, etc., no espírito da “Igreja em saída”, consciente de que a Igreja está dentro do mundo, não fora, nem ao lado, nem acima, nem contraposta a Ele<sup>40</sup>.

---

38 Bento XVI, *Mensagem à VI Assembleia Ordinária do Foro Internacional da Ação Católica*, em Iasi, Romênia, 10.08.2012.

39 CNBB, *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*. Documento da CNBB nº 105, nº 8.

40 *Ibidem*.

Nesse caminho, não podemos nos esquecer das congregações religiosas masculinas e femininas, das associações, dos movimentos e das novas comunidades. A riqueza dessas presenças na diocese, faz-nos lembrar as palavras de são Paulo: *“Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”* (1Cor 12, 4-6). Que todos possam também estar inseridos, em alguma medida, na realidade da diocese, enriquecendo o caminho sinodal e colaborando nas pastorais, conforme o carisma de cada instituição.

No que se refere à responsabilidade pessoal e comunitária no caminho sinodal, qual o real testemunho que estamos dando de caminhar na unidade e na diversidade de dons e carismas? Como nos relacionamos com o “diferente”, na busca do bem comum? Como, de fato, estamos colaborando no caminho sinodal, em vista da evangelização?

## 5. A PALAVRA DE DEUS E A EUCARISTIA

Caminhar sinodalmente, na missão de evangelizar, exige nutrir-nos de Deus. Nesse caminho, a oração é fundamental, de modo especial aquela que tem suas raízes na Palavra e na Eucaristia. Aliás, *“Palavra e Eucaristia estão tão intimamente unidas que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus torna-se carne sacramental no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos ao entendimento da sagrada Escritura, assim como a Sagrada Escritura por sua vez nos ilumina e explica o Mistério eucarístico”*<sup>41</sup>.

A Eucaristia é geradora da vida da comunidade e da sinodalidade da Igreja. *“A comunidade eclesial tem na Eucaristia a sua mesa por excelência: memorial da Páscoa do Senhor, banquete fraterno, penhor da vida definitiva. Ela transforma as pessoas em discípulos e missionários de Jesus Cristo, testemunhas do Evangelho do Reino”*<sup>42</sup>. Por isso, *“quanto mais viva for a nossa fé eucarística tanto mais profunda será a nossa participação na vida eclesial por meio duma adesão convicta à missão que Cristo confiou aos seus discípulos”*<sup>43</sup>.

---

41 Bento XVI, *Verbum Domini*, nº 55.

42 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2019-2023*, nº 94

43 Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, nº 6.

Quanto à Palavra de Deus, o contato intensivo vivencial e orante com ela, dá sentido ao caminho de fé, ajuda a corrigir posturas e a nos conformarmos ao modo de ser, de pensar e de agir de Jesus. O relato dos discípulos de Emaús no Evangelho de Lucas (cf. Lc 24,13-35) é ícone vivo da Igreja como Povo de Deus, guiado ao longo do caminho pelo Senhor ressuscitado que o ilumina com sua Palavra e o nutre com o Pão da vida. Precisamente como aqueles discípulos, também nós podemos sentir a presença viva de Jesus na sua Palavra e na Eucaristia como Igreja em caminho.

Para que a Eucaristia e a Palavra sejam, de fato, alimentos no caminho da evangelização, temos necessidade de dar tempo ao Senhor, na agitação de cada dia, para celebrar juntos como comunidade e para escutá-lo na reflexão individual e comunitária da Palavra. No caminho sinodal, não podemos nos esquecer de valorizar também o sacramento da Reconciliação que, nas palavras do Papa Francisco *"é o abraço da misericórdia infinita do Pai"*<sup>44</sup>, que nos mantém em comunhão com Deus e com irmãos, rompida pelas tantas formas de pecado.

Enfim, ninguém pode oferecer o que não tem. Somente em comunhão com o Senhor, que se manifesta a nós de tantas maneiras, teremos o Evangelho em nós para partilhá-lo na nossa missão. Então, qual a posição que ocupa em nossa vida a meditação da Palavra de Deus, a celebração e a adoração Eucarística, e o sacramento da Reconciliação? Como são as nossas celebrações Eucarísticas e quais compromissos concretos somos levados a assumir na comunidade, na diocese e na sociedade?

---

44 Francisco, *Audiência Geral*, 19.02.2014.

## 6. CONCLUSÃO

### OLHANDO O FUTURO COM ESPERANÇA

Caríssimos irmãos e caríssimas irmãs. As reflexões aqui apresentadas são indicações para aprofundar o nosso caminho “sinodal” de evangelização. Deseja ser um ponto de retomada de nossa caminhada como Igreja particular de Campo Limpo, no compromisso de evangelizar. Nesse âmbito, a nossa diocese tem uma história rica, iniciada ainda quando pertencia à arquidiocese de São Paulo. Ninguém pode negar o fecundo trabalho de evangelização realizado, em todos esses anos, graças à dedicação de padres, diáconos, religiosos (as), consagrados e consagradas, leigo (as), que buscaram testemunhar o Evangelho em situações, muitas vezes, de miséria e de violência, na esperança de transformar a realidade. Recordamos a todos (as) com carinho e com o coração agradecido. De igual modo lembramos com carinho os bispos que nos antecederam, os nossos irmãos dom Emílio Pignoli e dom Luiz Antônio Guedes, agradecendo a doação de suas vidas e a dedicação na condução da diocese, no serviço episcopal.

Agora, convidamos a todos a olhar, com esperança, o presente e o futuro de nossa Igreja particular. Para onde o Senhor quer conduzir-nos? Que caminho fazer na continuidade

da “alegria de evangelizar”? Prepararemos algum Plano de Evangelização? A esse respeito, compartilhamos que, depois de escutar grande parte do clero reunido em Aparecida para o Curso de Atualização Teológica (13-16 de fevereiro de 2023) e também de vários outros pareceres de leigos (as) e religiosos (as), vimos por bem não elaborar, nesse momento, um novo Plano de Evangelização, em substituição ao “6º Plano Diocesano de Evangelização da Diocese de Campo Limpo (2017-2020)”, mas de continuar na retomada da vida das comunidades que se refazem das consequências dos tempos difíceis que vivemos devido à pandemia do COVID-19.

Esta decisão coincide, em certo sentido e nos devidos âmbitos, com o que também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), decidiu em relação à elaboração das novas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Isto é, a CNBB decidiu não renovar, por ora, as Diretrizes (2019-2023) mas, considerando o Sínodo em vigência, deixar para serem aprovadas na Assembleia Geral de 2025. Para este período de preparação, o ano de 2023 será dedicado a um caminho de escuta e de discernimento (a ser desdobrado especialmente na compreensão dos conceitos das Diretrizes em vigor e na síntese das respostas diocesanas para o Sínodo) e em 2024, na recepção e aprofundamento das indicações do documento final do Sínodo e à oração, como preparação imediata ao Jubileu Ordinário de 2025. No contexto desse Jubileu, está prevista a apresentação da nova redação do texto das Diretrizes na 62ª Assembleia Geral da CNBB (2025).

É esta também a orientação para a diocese de Campo Limpo: viver um tempo de escuta e de discernimento, em sintonia com a Igreja no Brasil. Nessa perspectiva, a nossa indicação é que nos nossos encontros diocesanos e paroquiais – no decorrer desse ano e do ano de 2024 – sejam aprofundados e retomados os

conceitos das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja em vigor, buscando aplicá-los à realidade da diocese de Campo Limpo. É importante, nesse caminho, dar atenção à síntese das respostas ao questionário sobre o Sínodo, ou seja, o “Relatório do processo de escuta do povo para o Sínodo dos Bispos da Diocese de Campo Limpo (2021-2023)”, como também acolher e refletir tudo o que for produzido oficialmente, nesse período, pelo Sínodo da Igreja universal. Nessa perspectiva, também é oportuno o aprofundamento das reflexões e propostas pastorais a partir do Documento “*Para uma Igreja sinodal em saída para as periferias*”, da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe (México, de 21 a 28 de novembro de 2021).

Esta Carta Pastoral deseja também ser, neste período de discernimento, objeto de reflexão, para aprofundar e avaliar a nossa caminhada, como Igreja. Façamos esse itinerário, na esperança, rumo à celebração, em 2024, dos 35 anos da instalação da nossa diocese (4 de junho). Juntos possamos aclamar: “Damos graças ao Senhor, porque ele é bom. Eterno é o seu amor!” (Cf. Sl 136,1).

Aproveitemos este tempo para perscrutar os sinais dos tempos, para nos conhecer melhor, para unir nossas forças, e depois, pensar e projetar a elaboração “sinodal” do 7º Plano de Evangelização da diocese. Confiamos este caminho a Maria, a Estrela da Evangelização. Possamos aprender com ela – que deu ao mundo o Evangelho Vivo – a escutar a Palavra de Deus e a colocá-la em prática.

Que a Sagrada Família, padroeira da diocese de Campo Limpo e o apóstolo São Paulo, intrépido evangelizador, nos protejam, nos iluminem e nos ajudem a perseverar e a caminhar sinodalmente, na “alegria de evangelizar”.

## ORAÇÃO

“Senhor, fizeti de nós instrumentos da vossa paz.  
Fazei-nos reconhecer o mal que se insinua  
em uma comunicação que não cria comunhão.  
Tornai-nos capazes de tirar o veneno dos nossos juízos.  
Ajudai-nos a falar dos outros como de irmãos.  
Vós sois fiel e digno de confiança;  
fazei que as nossas palavras sejam sementes de bem para o mundo:  
onde houver rumor, fazei que pratiquemos a escuta;  
onde houver confusão, fazei que inspiremos harmonia;  
onde houver ambiguidade, fazei que levemos clareza;  
onde houver exclusão, fazei que levemos partilha;  
onde houver sensacionalismo, fazei que usemos sobriedade;  
onde houver superficialidade,  
fazei que ponhamos interrogativos verdadeiros;  
onde houver preconceitos, fazei que despertemos confiança;  
onde houver agressividade, fazei que levemos respeito;  
onde houver falsidade, fazei que levemos verdade. Amém”<sup>45</sup>.

Fraternalmente,



**Dom Valdir José de Castro, ssp**  
Bispo de Campo Limpo

**4 de junho de 2023**  
Solenidade da Santíssima Trindade

**Revisão:**

Ir. Alexandre de Carvalho, ssp

**Colaboradores:**

Pe. Rodrigo Antonio da Silva  
Andrea Rodrigues dos Santos

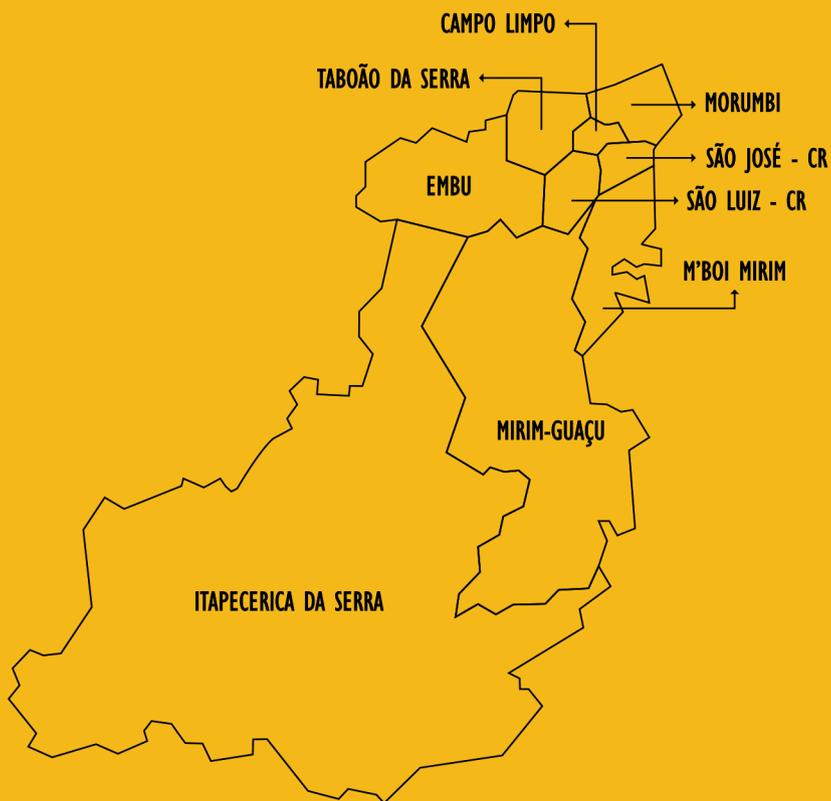
**Projeto Gráfico e Diagramação:**

Marcos Leonardo Delfino

**Impressão e Acabamento:**

PAULUS (Pia Sociedade de São Paulo)

## ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL - FORANIAS



DIOCESE DE  
CAMPO LIMPO